Resumo: Otta, E. & Bussab, V. (2021). Empatia, Altruísmo e Comportamento Pró-social. Estados Afetivos. EDUSP

As autoras iniciam o texto definindo comportamento pró-social (tipos de ajuda), empatia (cognitiva, afetiva e mista) e altruísmo, sendo este último o mais complexo, pois sua definição é abrangente. No entanto, o foco do texto parte de uma perspectiva evolucionista e, nesse sentido, as autoras propõem uma reflexão sobre o custo e o benefício do comportamento altruísta a luz da seleção natural, usando o exemplo da traição como uma estratégia evolutivamente estável (EEE). A seguir, as autoras apresentam o “paradoxo” de Darwin, a fim de explicar como comportamentos como a empatia e o altruísmo podem contribuir para a evolução do comportamento pró-social, uma vez, que o próprio Darwin tinha dificuldade em explicar esses comportamentos. Nesse contexto, as autoras propõem e explicam situações em que a seleção natural favoreceria comportamentos altruístas e empáticos, sendo elas: (1) a seleção de parentesco; (2) altruísmo recíproco; e (3) seleção de grupo. Em seguida, elas apresentam o “Modelo de Percepção e Ação” (MPA) para a compreensão dos estados emocionais de um indivíduo a partir de representações corporificadas. Esse modelo permite a integração entre os aspectos afetivos e cognitivos da empatia e entre as causas evolutivas e psicológicas. As autoras citam como exemplo de aplicação do MPA o Teste de Estresse Social de Trier (TSST) e citam que sua aplicação foi bem-sucedida em crianças humanas a partir dois anos de idade. Elas citam com detalhes a aplicação do TSST e os resultados obtidos e esperados nele. As autoras também citam uma adaptação do TSST para cães e apresentam dados sobre a expressão se comportamentos empáticos de cães direcionado aos tutores e pessoas não relacionadas. Para explicar a evolução da empatia as autoras citam os exemplos dos bonobos, cães e das raposas malhadas. Para explicar os mecanismos do comportamento empático, as autoras sugerem que os neurônios espelhos (neurônios pré-motores) estão relacionados com a produção de expressões faciais emotivas e detecção dos estados emocionais de outros indivíduos. Por fim, as autoras correlacionam problemas como a culpa e ansiedade a empatia, em situações específicas, com humanos e sugerem que o avanço nos estudos sobre empatia, podem contribuir para a compreensão das emoções na perspectiva evolutiva.

Questões: Gallese, V., Eagle, M. N., & Migone, P. (2007). Intentional attunement: Mirror neurons and the neural underpinnings of interpersonal relations. Journal of the American psychoanalytic Association, 55(1), 131-175.

“This means that when we are going to execute a given action we can also predict its consequences. The action model enables this prediction. Given the shared sub-personal neural mapping between what is acted and what is perceived – constituted by mirror neurons – the action model can also be used to predict the consequences of actions performed by others. Both predictions (of our actions and of others' actions) are instantiations of embodied simulation, that is, modeling processes.”

O trecho anterior, poderia ser considerado uma explicação do mecanismo da Teoria da Mente?

“With this mechanism we do not just “see” an action, an emotion, or a sensation. Side by side with the sensory description of the observed social stimuli, internal representations of the body states associated with these actions, emotions, and sensations are evoked in the observer, ‘as if’ he/she would be doing a similar action or experiencing a similar emotion or sensation”.

Se entendi corretamente, nós só conseguimos ser empáticos com outras pessoas se já vivenciamos ou participamos de situações semelhantes?

In contrast with what argued by Jacob and Jeannerod (2004, forthcoming), social cognition is not only explicitly reasoning about the contents of someone else’s mind. Our brains, and those of other primates, appear to have developed a basic functional mechanism, embodied simulation, which gives us an experiential insight of other minds. The shareability of the phenomenal content of the intentional relations of others, by means of the shared neural underpinnings, produces intentional attunement. Intentional attunement, in turn, by collapsing the others’ intentions into the observer’s ones, produces the peculiar quality of familiarity we entertain with other individuals. This is what “being empathic” is about.

É possível, de fato, generalizar que a empatia seja uma aptidão evolutiva dos primatas? Se sim, isso seria, de fato, uma adaptação específica ao desenvolvimento das habilidades sociais?